

REDES SOCIAIS E A CULTURA POPULAR: uma análise dos discursos de ódio contra as manifestações culturais populares afro-brasileiras

Tarcísio Luiz Cândido

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP), Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil¹
tarcisiocandido@ufu.br

RESUMO: O presente artigo científico aborda o fenômeno do discurso de ódio em redes sociais. Como foco para o debate, apresentará seus impactos sobre as manifestações culturais populares afro-brasileiras, tendo como objeto de investigação, a cultura popular do Congado, da cidade de Ituiutaba (MG). A pesquisa apresenta como objetivo, a análise da dinâmica mencionada anteriormente. Este trabalho intende também, explorar as causas e consequências desses discursos, além de discutir possíveis estratégias de combate e mitigação desse problema.

Palavras-chave: Redes sociais; Plataformas; Discurso de ódio; Congado.

SOCIAL MEDIA AND POPULAR CULTURE: an analysis of hate speech against popular Afro-Brazilian cultural manifestations

ABSTRACT: This scientific article addresses the phenomenon of hate speech on social media. Focusing on the debate, it will present its impacts on popular Afro-Brazilian cultural manifestations, with the popular culture of Congado in the city of Ituiutaba (MG) as the object of investigation. The research aims to analyze the aforementioned dynamics. This work also intends to explore the causes and consequences of these discourses, as well as discuss possible strategies to combat and mitigate this problem.

Keywords: Social media; Platforms; Hate speech; Congado.

RÉSEAUX SOCIAUX ET CULTURE POPULAIRE: une analyse des discours de haine contre les manifestations culturelles populaires afro-brésiliennes

RESUMEN: Cet article scientifique aborde le phénomène du discours de haine sur les réseaux sociaux. En mettant l'accent sur le débat, il présentera ses impacts sur les manifestations culturelles populaires afro-brésiliennes, en prenant comme objet d'étude la culture populaire du Congado de la ville d'Ituiutaba (MG). La recherche vise à analyser la dynamique mentionnée précédemment. Ce travail vise également à explorer les causes et les conséquences de ces discours, ainsi qu'à discuter des stratégies possibles de lutte et d'atténuation de ce problème.

Palabras clave: Réseaux sociaux; Plateformes; Discours de haine; Congado.

Introdução

O estudo aqui apresentado trabalha como tema os discursos de ódio praticados nas redes sociais, contra as manifestações culturais populares afro-brasileiras. Para estruturar e desenvolver o debate, teremos como foco as práticas culturais populares do Congado de Ituiutaba, cidade localizada no Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais. Anualmente, nesta localidade, são celebrados os tradicionais festejos em louvor à São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Durante os festejos, ocorre o Encontro Regional de Congos, Moçambique, Marujos e Catupés, da cidade. Essa prática cultural faz parte do cotidiano local, a mais de setenta anos. Realizada tradicionalmente no mês de maio, mais precisamente no terceiro domingo do referido mês, a festa do Congado da cidade de Ituiutaba (MG), tem como uma de suas ritualísticas, a ação conhecida como Alvorada. Esse momento é caracterizado por anunciar o início das festividades.

Esse momento simbólico, que serve como um aviso de que os grupos estão prontos para louvar seus santos de devoção e perpetuar seus costumes, acontece às 5h da manhã, nos

¹ Endereço para correspondência: Rua 20, nº 1600 - Bairro Tupã, CEP:38304-402, Ituiutaba-MG, Brasil.

quartéis² dos ternos³, e para esse momento, são utilizados fogos de artifícios. A partir disso, os grupos se organizam e partem em direção à Paroquia de São Benedito, ao som de cantos, toques musicais e embalados por danças. Percebe-se que durante a execução de suas ritualísticas, a comunidade enfrenta por parte de alguns grupos da comunidade que não pertence a essa cultura, olhares descontos, críticas e desaprovações. Ações que trazem desconforto aos grupos do Congado. Essa postura contrária a manifestação cultural, até então evidenciada, principalmente, nas portas das casas onde os ternos passam com seus cortejos, começou a ser identificada também, na atualidade, em um novo espaço, o das redes sociais.

Com um maior acesso da população em geral à Internet, facilidades foram constatadas. Praticidade para realizar compras, aquisição de serviços, estabelecer contato rápido com demais pessoas em outras cidades, Estados e países, novas formas de transações bancárias, entre outras práticas, nos aproximam de uma realidade mais ágil, e por vezes, mais confortável. Para além disso, o espaço virtual permitiu que seus usuários, a possibilidade de serem ouvidos. Nessa perspectiva, podemos encontrar pessoas que fazem uso das facilidades do mundo virtual para organizar movimentos que tem a intenção de construir pontes para o desenvolvimento positivo de uma comunidade. Atrelado a isso, também facilita que parte de seus usuários, munidos da agilidade de disseminação das informações e opiniões, proposta principalmente, pelas redes sociais, as enxerguem como armas e ferramentas para proferir discursos de ódio.

As manifestações culturais populares afro-brasileiras, na atualidade, são um dos diversos alvos de discursos de ódio proliferados em redes sociais. Como um dos exemplos, o Congado da cidade de Ituiutaba (MG), principalmente, quando se aproxima a realização de seus festejos, é atingido por uma grande quantidade de comentários em redes sociais, de usuários insatisfeitos com sua realização. Assim, pretendemos realizar uma discussão que possa ter como um de seus resultados, a possibilidade de complementação aos questionamentos já existentes sobre a temática que aborda o discurso de ódio em redes sociais, ao estabelecermos um recorte geográfico e cultural, mais aproximado das vivências de nossa cidade. Como objetivo geral deste artigo, trabalharemos para compreender os possíveis impactos dos discursos de ódio, em redes sociais, contra a manifestação cultural popular do Congado de Ituiutaba (MG).

De forma específica, pretendemos: (a) Apresentar a manifestação cultural do Congado, sua disseminação no Brasil, como também, seu surgimento e consolidação na cidade de Ituiutaba (MG); (b) Debater sobre as possíveis causas e consequências dos discursos de ódio em redes sociais; e, (c) Analisar a existência de estratégias de combate e mitigação do discurso de ódio, e suas formas de aplicação. A elaboração deste artigo científico atende aos requisitos de avaliação da disciplina *Tópicos Especiais III: técnica, tecnologia e processos socioespaciais*, componente optativo do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal, vinculado à Universidade Federal de Uberlândia (PPGEP/UFU). Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Antonio de Oliveira Júnior, em conjunto com a Prof.ª Dr.ª Natália Batista Peçanha.

Para desenvolver os subsídios necessários para as discussões pertinentes à temática, uma revisão de literatura foi construída a partir da bibliografia disponibilizada pelos docentes. Esta etapa foi efetivada ao trazermos as contribuições de autores como Srnicek (2018), Silveira (2019), entre outros. Além disso, material complementar aos consultados durante a disciplina, auxiliaram na construção do texto. Como exemplo de fonte complementar, cito a utilização de trechos, com algumas modificações, do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Bandeiras ao alto: panorama econômico-financeiro do Congado ituiutabano*⁴. Esse material será inserido, principalmente, nos momentos destinados a caracterização do objeto de estudo

² Denominação dada as sedes de cada grupo de Congado.

³ Nomenclatura utilizada na cidade de Ituiutaba (MG) e em algumas cidades da região, para identificar os grupos pertencentes a manifestação do Congado. A depender da região do país esta nomenclatura será modificada, como exemplo, os grupos podem ser identificados como Guardas, ou até mesmo, como Bandas de Congo, essa forma de identificação pode ser verificada na obra de Reis (2003).

⁴ Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22083/3/BAndeirasAoAlto.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.

desta pesquisa, o Congado. As duas fontes nos possibilitam traçar os caminhos percorridos para o alcance dos objetivos e das respostas para as inquietações surgidas durante a escrita.

Contextualização do desenvolvimento das plataformas e redes sociais

Antes de iniciarmos o debate de como as redes sociais se tornaram um espaço onde seus usuários expõem suas opiniões, por vezes, sem nenhuma preocupação em como seu discurso irá afetar quem está do outro lado da rede, creio ser importante fazermos um exercício, de aprofundamento em como as redes sociais surgem, o seu desenvolvimento e sua crescente influência na vida da sociedade. Para isso, utilizaremos, para as fundamentações, a obra de Srnicek (2018), *Capitalismo de plataformas*. O objetivo do livro é apresentar uma complementação aos estudos que já foram desenvolvidos sobre economia digital e capitalismo de plataforma. Na oportunidade, o autor elabora um contexto histórico da economia, do capitalismo e da evolução das tecnologias, que contribuem para o surgimento e estabelecimento das plataformas e redes sociais.

Para Srnicek, o capitalismo se reestrutura para lidar com as crises, assim, continuar sua perpetuação sobre a sociedade, desenvolvendo novos mecanismos de dominação, que contribuirão também, para o surgimento de novas formas de acumulação. Como exemplos de crises que exigiram do capitalismo novas maneiras de agir e como sendo relevantes para se entender a conjuntura atual, são apresentados os seguintes eventos: a) a resposta a recessão dos anos 1970; b) a ascensão e queda das ponto-com nos anos 1990; e, c) a resposta à crise de 2008. Esses momentos prepararam o cenário para uma nova economia digital e determinaram a forma do seu desenvolvimento.

Com uma maior influência do modelo capitalista, de como enxergar a economia, os agentes econômicos se distanciam dos meios tradicionais de subsistência, tornando-se cada vez mais dependentes do mercado. Com isso, institui-se um ambiente de competição comercial, elevação de custos de produção e a cultura de acumulação. Essas dinâmicas ensejam a necessidade de evolução tecnológica do processo laboral. Trazendo como momentos ilustrativos, o autor aponta a dominação das fábricas estadunidenses, enquanto seus concorrentes estavam devastados pelas guerras; a competição comercial entre Japão e Alemanha, entre os anos de 1950 e 1960; e, a substituição do modelo fordista pelo modelo toyotista.

Essa sequência de eventos alicerçam a ascensão da implementação de programas para operacionalização da cadeia de suprimentos. Fator que corroborou, também, para a diminuição de salários e a terceirização de mão-de-obra. Nos anos 1990, após a crise das fábricas nos EUA, o setor de telecomunicações desponta como opção preferida do capital financeiro. Adiantando no tempo, mais precisamente para o ano de 1998, a crise no sudeste asiático cresce e o boom do setor de telecomunicação estadunidense, começa a desestabilizar. Segundo o autor, esta instabilidade resulta na quebra das empresas ponto-com, tendo como principal consequência, uma política monetária entendida como fraca, adotada pelo Banco Central americano.

Uma das medidas implementadas, nesse período, foi a redução de taxas de juros. Manobra que, futuramente, acaba por impactar o setor imobiliário, influenciando os encargos trabalhados nas hipotecas, o que acaba criando uma bolha no setor. Os primeiros resultados negativos, começam a ser sentidos em meados do ano de 2006. Neste cenário, os valores dos imóveis começam a despencar, juntamente, a renda de seus proprietários, o que resulta em uma grande inadimplência hipotecária. O ponto forte da crise imobiliária americana, ocorre em 2008, com a queda da *Lehman Brothers*. Como consequência, um novo plano de redução de taxas e estratégias para evitar o colapso do sistema financeiro global, foram instituídos.

Com baixas taxas de retorno, o mercado aposta em novas áreas, como o da tecnologia, até então, não lucrativas e de alto risco. Após a crise de 2008, acontece uma mudança no foco dado ao uso da tecnologia. Entendimentos sobre automação, economia compartilhada,

Internet das coisas, entre outros pontos, começam a ser desenvolvidos. Com isso, surgem conceitos, como: economia do trabalho informal, próxima revolução industrial, economia de vigilância, dos aplicativos e da atenção. Desta forma, a economia passa a ser dominada por uma nova classe, proprietária das informações, e não dos meios de produção. Para o autor, essa classe também é apoiada pelo capitalismo.

Para Srnicek, no século XXI o capitalismo concentra os seus esforços na extração de uma nova matéria-prima: os dados. Nesta nova forma de coleta de recursos, sua fonte está diretamente ligada as atividades dos usuários na Internet, e são extraídos e refinados para diversas formas de uso. Com o crescimento da Internet, e as empresas tornando-se dependentes das mídias sociais para fazer negócios, os dados se transformaram em algo valioso. Surge a partir disso, um novo modelo de companhia/empresa: a plataforma. Criadas com a intenção inicial de sanar as necessidades internas das empresas, passaram a ser uma maneira mais eficiente de monopolizar, extrair, analisar e usar os dados. Além dos dados, controlam as regras do mercado.

De acordo com os estudos de Srnicek, as plataformas são infraestruturas digitais que permitem que dois ou mais grupos interajam. Tem como vantagem, sobre os modelos tradicionais, a possibilidade de que seus usuários construam seus próprios produtos, serviços e espaços de transação. Desta forma, as plataformas podem ser divididas em cinco tipos, como pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1: Tipologia das plataformas

Tipo	Características	Exemplos
Publicitárias	Extraem dados dos usuários e as utilizam para vender espaço publicitário.	Google / Facebook
Da Nuvem	Possuem hardwares e softwares comerciais dependentes do digital, e os aluga de acordo com a necessidade de quem procura pelo serviço.	Amazon
Industriais	Vendem hardwares e softwares que tornam as empresas mais conectadas à Internet, com o objetivo de reduzir custos.	General Electric / Siemens
De Produtos	Utilizam outras plataformas para transformar um bem tradicional em serviço e cobrar pela assinatura.	Spotify
Austeras / Enxutas	Tem como objetivo a redução de custos, por meio da diminuição de ativos de sua propriedade, e assim gerar lucros. Os custos são repassados aos prestadores.	Uber / Airbnb

Fonte: Srnicek (2018).

Organização pelo autor.

Com o estabelecimento da divisão das plataformas em nichos de atuação, podem entender melhor suas ramificações sobre a sociedade. A exemplo, segundo o autor, as características das plataformas *Publicitárias* fundamentam o debate sobre como a utilização das mesmas, pode acabar fazendo seus usuários em trabalhadores. Essa lógica seria possível já que a matéria-prima são os dados e os mesmos são disponibilizados por quem acessa esses meios de comunicação digital. Outro ponto que podemos destacar, é a precarização da mão-de-obra. As plataformas *Da Nuvem* e *Austeras/Enxutas*, contribuem com este cenário. Onde, na primeira, um aumento no uso de mão-de-obra robotizada é percebido, principalmente, entre os anos de 1990 e 2016. Já na segunda tipologia, torna-se importante entender que o modelo seguido de operação é a hiperterceirização, o que tem como consequência, a precarização do trabalho. A plataforma Uber, por exemplo, não é proprietária de nenhum veículo.

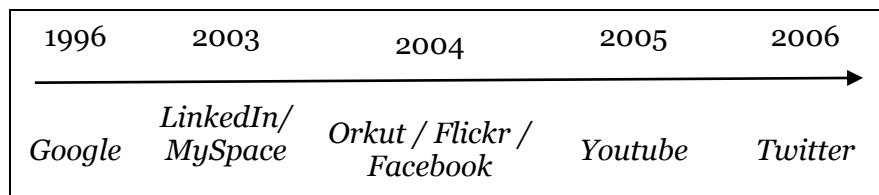
Finalizando seu texto, Srnicek elabora algumas tendências, desafios e visões de futuro. Entre alertas e questionamentos, como exemplo, qual seria o real impacto das plataformas na economia e nas relações de trabalho, uma de suas visões de futuro acreditamos ter a possibilidade de dialogar com a nossa proposta, durante a construção deste artigo. A mesma sugere que para além de políticas de regulação das plataformas, os governos deveriam incentivar a criação de plataformas públicas, de propriedade e controladas pelo povo. Dentro desta dinâmica, a sociedade estaria mais ciente dos dados compartilhados e menos refém dos grandes conglomerados de tecnologia, que tem como grande objetivo, a venda de dados de seus usuários.

Mas para além da discussão sobre quais seriam os detentores, mais adequados, da posse e/ou do controle dos meios de comunicação, no espaço virtual, a forma como essas plataformas serão utilizadas para disseminar conteúdos, necessita de estudos aprofundados. Além disso, carece de observação atenta e contínua, principalmente, quanto aos seus teores. Dentro dos diversos pontos como, a discussão sobre a privacidade dos usuários, a guerra das grandes plataformas e como isso reverbera na sociedade, um olhar especial sobre como os discursos de ódio são reproduzidos em grande volume nas redes sociais, merecem nossa atenção. Sobre esse ponto, as próximas seções terão como principal abordagem, o desenvolvimento sobre a importância do estudo da temática, apresentando definições, causas e consequências.

Discurso de ódio em redes sociais: entendimentos sobre

Para além do debate sobre quais seriam os detentores, mais adequados, da posse e/ou do controle dos meios de comunicação, no espaço virtual, a forma como os discursos são distribuídos, se apresenta como sendo a primeira discussão a ser desenvolvida. Com isso, compreender a função desempenhada pelos algoritmos dentro desta dinâmica, nos auxiliará em nossa percepção de como os discursos de ódio acessam e influenciam, diversos usuários. Nesta seção, contaremos com as contribuições de Silveira (2019) na construção deste panorama. Para atender esse e outros objetivos o autor traça uma linha do tempo, que aborda o surgimento das principais redes sociais, a figura 1 apresenta esses dados.

Figura 1: Linha do tempo sobre a criação das principais redes sociais



Fonte: Silveira (2019).
 Organização pelo autor.

De acordo com Silveira, atrelado a criação das redes sociais, está o desenvolvimento dos algoritmos. Todas as redes existentes, fazem uso de algoritmos com a função de organizar os conteúdos publicados pelos usuários e os anúncios publicitários. Como exemplo, cita o *Google* que faz uso do motor de busca *PageRank*, para posicionar *websites* entre os resultados de suas buscas. Já o *Facebook* tem como ferramenta, o algoritmo, *EdgeRank*, criado em 2007 com o objetivo de determinar quais artigos devem ser exibidos no feed de notícias de um usuário.

Além das plataformas e redes sociais, os governos passam a utilizar das estruturas algorítmicas. Esse processo permitiu mais celeridade nas dinâmicas, mas criou uma inquietação no autor: *O que acontece quando os algoritmos passam a definir boa parte das*

ações de interesse público? Silveira (2019) tentando responder a esta problemática, estrutura um trabalho de relacionar os algoritmos e a sociedade da informação. Aponta, inicialmente, os locais possíveis que podemos localizar os algoritmos. Destaca ainda, a importância de sabermos diferenciar algoritmo de software. Continuando, detalha que a principal função do algoritmo é a solução de problemas, a partir, da delimitação de instruções, de regras encadeadas e informações iniciais.

Os algoritmos, para Silveira, modificam e classificam as informações. O ato de classificar, acaba por estruturar o mundo. Assim, permite a manipulação de possibilidades, tornando alguns eventos mais prováveis que outros. Onde as redes sociais, sob a influência da organização dos algoritmos, definem o que devemos ver e como nossa rede de amigos acessa os conteúdos publicados por nós. Desta forma, o que é enxergado e alcançado pelo usuário, dentro da Internet, traz consequências para a formulação de suas visões de mundo, de seus posicionamentos e de suas percepções a respeito de temas de qualquer natureza.

Para o autor, a forma como os algoritmos trabalham, dentro das redes, acabam por modular a sociedade. E isso se dá pelo discurso utilizado e dentro de suas lacunas, nas brechas, tendo um *modus operandi* mais sutil. Ressalta-se que, as redes sociais e plataformas, não exercem o papel de produtoras de conteúdos moduladores das ações e sentimentos dos usuários. Vão comandar e direcionar as mensagens e discursos, realizando o balanceamento da importância e alcance dos mesmos. Em seu estudo, Silveira, realiza apontamentos de como o universo político, com o qual o cidadão vai se aproximar ou distanciar, sofre influências das ações dos algoritmos.

A partir disso, e também, ao analisarmos a polarização de ideias e ideais, percebida na sociedade e nas redes sociais nos últimos anos, podemos enxergar uma maior participação dos usuários em debates com temáticas mais sensíveis. De acordo com Silveira (2019), a comunicação digital permitiu que as pessoas falassem mais, porém, não assegurou que fossem ouvidas. Além disso, com as redes sociais apenas ocupando a função de coletar informações (dados básicos), e por meio desses códigos, decidindo o que aparece na linha do tempo de cada pessoa, sendo assim, capaz de interferir no entendimento da realidade e no comportamento político de quem acessa as plataformas, fazendo o papel dos algoritmos, como moduladores da sociedade, incorrer também, em riscos contra a democracia.

Podemos verificar que uma das ferramentas mais utilizadas, na atualidade, para se atentar contra o estado democrático de direito, são as redes sociais. Nesse ambiente, usuários sem medo de serem identificados e/ou culpabilizados por seus atos, disseminam pela rede mundial de computadores posicionamentos, que por vezes, ferem a dignidade humana de outros usuários, que dividem esses espaços virtuais. Para além do ataque à democracia, mecanizada nas redes sociais, outros grupos são alvos desta prática. Sobre discurso de ódio ou *Hate Speech* (em inglês) e as camadas da sociedade mais atingidas, Costa (2021, p. 330 e 331) argumenta que:

Consiste em uma expressão de pensamento de maneira depreciativa voltado a um determinado grupo da sociedade, com o intuito de desqualificar, menosprezar e humilhar o grupo todo ou os sujeitos pertencentes a ele. De forma genérica, os discursos de ódio são qualquer ato de expressão que inferiorize os indivíduos por características como raça, etnia, religião, orientação sexual, nacionalidade, deficiência física ou mental, dentre outras. [...]

[...] Dessa maneira, o *Hate Speech* ou Discursos de Ódio, encontram-se na divulgação de conteúdo que estimulam o ódio racial, a homotransfobia, a xenofobia, a intolerância religiosa, a misoginia, e outras formas de aversão, baseada na intolerância as diferenças que confrontam os padrões éticos estabelecidos pelo grupo que se sente “superior”, com o objetivo de justificar a privação da liberdade desses grupos tidos como “inferiores”.

Levantamento realizado pela ONG Safernet - que atua em defesa dos direitos humanos na internet - apontou que as denúncias de discursos de ódio nas redes sociais, triplicaram nos últimos seis anos. Apresentando os resultados deste levantamento, em entrevista ao Jornal Nacional, com matéria publicada no portal de notícias G1, Thiago Tavares, presidente da ONG Safernet, destaca que:

Algumas pessoas acham que porque estão na internet estão anônimas e não são obrigadas a respeitar o outro, não são obrigadas a cumprir as leis, não são obrigadas a ter um comportamento minimamente decente que se espera de qualquer cidadão que tenha consciência dos seus direitos e também dos seus deveres⁵.

Ainda de acordo com a matéria, o estudo explicita que a corrida eleitoral do ano de 2022, contribuiu para o aumento nas agressões em redes sociais, motivadas pelo ódio. Os crimes de ódio contra as mulheres tiveram o maior aumento, segundo a ONG. Um disparo no número de agressões envolvendo intolerância religiosa, racismo e aversão a estrangeiros, também foi constatado. Costa (2021, p. 331) nos apresenta que o discurso de ódio pode ser desmembrado em duas tipologias, *Hate Speech in Form* e *Hate Speech in Substance*, sendo a primeira forma “manifestações de forma explícita denotam ódio”, e a segunda “uma modalidade disfarçada do discurso do ódio”. Onde, segundo o autor (p. 331) “atualmente os *Hate Speech in Substance* estão divididos em discursos contra a raça, etnia, orientação sexual, opção religiosa, nacionalidade, condições por ser mulher, entre outros”.

Como já mencionado em nossa introdução, os ataques contra as manifestações culturais afro-brasileiras, recentemente, ocuparam novos espaços para disseminação de seu ódio. Para isso, os usuários/criminosos valem-se da “chancela” de estarem fazendo uso de sua liberdade de expressão, para agredir determinados grupos. Sobre isso, aponta-se que:

O ódio racial exteriorizado sob o argumento de liberdade de expressão não é protegido pela norma constitucional, e o desacato a esse direito consistirá em sanções jurídicas, penais e cíveis. Os discursos de ódio de cunho racista e discriminatório migraram para um novo ambiente em ascensão, a internet. Indivíduos que aparentemente sentem-se protegidos por uma concepção de anonimato aproveitam esta ferramenta para espalhar discursos racistas e discriminatórios pelas mídias sociais, proferindo de modo ofensivo a integralidade da pessoa humana, com palavras, mensagens e diferentes outros meios de conteúdo que denigrem⁶ e ofendem a determinados grupos da sociedade pelos motivos acima já expostos.

Intentamos, neste artigo, debater sobre os ataques sofridos pelos ternos de Congado, nas redes sociais. Ponto já exposto em seções anteriores. Mas antes de aprofundarmos nestas discussões, acreditamos ser necessário uma melhor apresentação desta manifestação cultural. Desta forma, no próximo capítulo deste estudo, traremos uma caracterização do Congado no Brasil, em Minas Gerais, como também, na cidade de Ituiutaba (MG).

A manifestação do Congado como elemento da cultura popular

⁵ Para mais: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/01/denuncias-de-crimes-envolvendo-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-triplicaram-nos-ultimos-6-anos-aponta-levantamento.ghtml>.

⁶ O autor acaba fazendo uso de termo entendido como uma expressão racista. De acordo com o Dicionário de expressões (anti)racistas (p. 12), desenvolvido pela Defensoria Pública do Estado da Bahia, este termo “possui na raiz o significado de ‘tornar negro’. Utilizado como sinônimo de difamar ou caluniar, reforça, mais uma vez, o ser negro como negativo, ofensivo.” Assim, uma alternativa que poderia ser usada pelo autor, era a utilização dos termos “difamar” ou “caluniar”.

A cultura auxilia no entendimento da ação do homem e sua relação com espaço e na constituição dos territórios, onde a natureza, a sociedade, as socializações, como cultura, política e economia, configuram este território. Inclusa no escopo da cultura, a cultura popular tradicional é constituída por bens simbólicos criados por trabalhadores, homens e mulheres do povo, normalmente com baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução formal. A conexão de matrizes culturais, a princípio reconhecidas como folclóricas e tradicionais, enseja a peculiaridade das festas populares regionais enquanto festivais de diversão e lazer, destacando-se dentre as diversas manifestações da cultura popular o Congado (DAMASCENA, 2011; RIOS, 2014; FARIAS, 2005). A partir da contribuição apresentada, podemos elaborar que a cultura alcança o conjunto de manifestações que:

Ocorrem em todos os aspectos da vida, passando a ser considerada como o patrimônio de uma coletividade, e, sob o ponto de vista do ambiente onde essas culturas se manifestam, o terreno e seus recursos são fundamentais para a construção desse patrimônio. Sabe-se que as paisagens se diferenciam de um lugar para outro e que suas características físicas as distinguem de algum modo, seja pela localização do sítio, seja pelas atividades que são exercidas naquele espaço. Habitantes de cidades situadas em vales são diferentes, de certo modo, daqueles que moram em cidades do litoral, tal como os que vivem em países de clima frio são diferentes daqueles que vivem em países de clima quente. Os hábitos e as atividades associam-se de alguma maneira às questões da ambientação e produzem características de comportamento que lhes são afins. Assim também a origem étnica dos habitantes é um fator de identidade, pois o convívio e as relações entre as etnias de uma sociedade resultam em aspectos particulares na aparência, criando diversos biótipos que se distinguem entre si [...] (CALDEIRA, 2014, p. 132).

Claval (2007) ao trabalhar o papel da cultura pela perspectiva da transmissão da experiência coletiva, e também, ao debater sobre a gênese das culturas, argumenta que:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (CLAVAL, 2007, p. 63).

Posto isso, dentro das formas e expressões que contribuem na percepção da cultura, a cultura popular se apresenta como instrumento que oportunizará voz e voz às comunidades por vezes silenciadas e impossibilitada de ter acesso às representações culturais delegadas e oportunizadas apenas as classes dominantes. Como uma das várias formas de se fazer cultura popular, o Congado nos apresenta uma diversidade de cores, ritmos, danças, demonstrações ritualísticas, entre outros aspectos, que agregam ricas camadas à esta expressão religiosa e cultural. A festa do Congado, na cidade de Ituiutaba (MG), caracteriza-se também, pela pluralidade de comunidades que participam de suas atividades.

Durante este dia, os ternos residentes na cidade, os grupos culturais de outras localidades, a comunidade religiosa, principalmente, da igreja católica e das religiões de matrizes afro-brasileira, comerciantes locais, agentes culturais, agentes públicos, comunidade em geral, turistas, entre outros, se concentram na Praça Treze de Maio, para que reunidos, mantenham acesa, por mais um ano, a chama desta tradição. Desta comunhão de povos,

saberes e práticas, podemos identificar outras potencialidades de como vivenciar esta cultura. Nas seções seguintes, faremos a caracterização desta manifestação cultural popular.

Breve histórico sobre o surgimento e disseminação do Congado no Brasil

O Congado, denominado também de Reinado, Congo ou Congadas, é uma manifestação cultural e religiosa celebrada em algumas regiões brasileiras. De origem africana, é uma dança que representa a coroação do Rei do Congo acompanhada de um cortejo compassado que recebe o nome de terno (LUCAS, 2011). No Brasil, sua comemoração demonstra as simbologias representadas em vestimentas, danças e coreografias que dramatizam a luta e história dos negros. As apresentações são realizadas ao som de instrumentos musicais simples, como tambores maracanãs (caixas grandes), ripiliques (caixas pequenas), latinhas amarradas ao pé (gungas), e um bastão que significa o poder de superar as crises espirituais e principalmente as doenças (CARVALHO; RAMOS; 2005).

As manifestações dos ternos de Congado tornaram-se resistentes e perenes, ao longo dos anos, especialmente devido à história oral das pessoas que a praticam e que contribui para a manutenção das experiências vivenciadas pelos seus antepassados. A ancestralidade é, portanto, um termo que caracteriza essa manifestação. Assim, ao tratarmos desta relação familiar pelo viés da coletividade, a identidade junto à cultura negra é reafirmada e somada a heranças culturais, e esforços do indivíduo e da comunidade a fim de confirmar conquistas de espaços para realização dos festejos. O Congado se constitui também em ambiente de resistência e de reformulação de identidades. Esse ambiente, por sua vez, está organizado em um contexto de sociabilidade marcado pela divisão de classes, exigindo diversas articulações e estratégias a fim de garantir sua continuidade (KINN, 2013; REZENDE, 2011).

Em seus anos iniciais, os ternos eram mantidos por seus fundadores e por todas as pessoas determinadas em perpetuar essa cultura, visto que, historicamente, passavam de fazenda em fazenda e ganhavam doações, tanto para sua própria alimentação durante os festejos, como para prendas que eram vendidas em leilões. Como exemplo desta peregrinação nas propriedades rurais, e rememorando os tempos áureos do terno Catupé Nossa Senhora do Rosário, fundado em 1906 na cidade de Salitre (MG), Brasileiro (2001, p. 55-56) destaca que “as campanhas eram realizadas nas fazendas e as vezes sob chuva, chegava-se em detenninada (sic) casa e fazia uma hora de cantoria para receber algumas prendas: “creadinhos de arroz”, “café em coco”, mas de vez em quando ‘Nossa Senhora ajudava e aparecia um fazendeiro que de bom humor, doava galinha, porco, novilha e até vaca”.

Debater aspectos e nuances pertencentes ao Congado quanto ao seu surgimento, significa remontar uma historiografia baseada em pluralidade, seja de narrativas, mitos e lendas, como também cultural e de costumes. Para Brasileiro (2012) suas múltiplas dimensões não permitem uma posição unilateral e apontam, para a existência de uma riqueza ímpar e uma identidade diversa, quer seja de pertencimento étnico vinculado ao negro, ou de participação popular não necessariamente só de afrodescendentes. Desta forma, rememorar o surgimento do Congado e sua disseminação, implica em um aprofundamento nas mais diversas obras e autores que pesquisam sobre esta manifestação.

O Congado é um rito milenar originado na África e introduzido no Brasil com a chegada dos primeiros escravos, como forma de homenagear seus antepassados, seus reis, suas divindades e seus anciões. Aos poucos foram inseridas santidades com o objetivo de que o rito fosse aceito pela Igreja Católica (CARVALHO; RAMOS, 2005). Cezar (2012) explica que o Congado remonta às irmandades católicas de escravos e libertos congregados em torno dos “santos de pretos”, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão, os quais em festas em louvor aos seus santos coroavam uma corte, geralmente negra.

Segundo Brasileiro (2012) a devoção ao Rosário de Maria e a realização de cruzadas santas ajudam a contextualizar o surgimento das irmandades em Portugal e posteriormente sua difusão no continente africano a partir de meados do século XIV; já no Século XV a corte

do Rei do Congo adere às irmandades, sendo possível concluir que as mesmas vieram da África para o Brasil com os escravizados já cristãos. Também sobre a origem do Congado, Ribeiro (2010) cita o mito da Senhora do Rosário cuja imagem encontrada e colocada na igreja pelos brancos regressava sempre ao seu lugar de origem. Somente a partir do cortejo com danças e cantos feito pelos negros, a mesma é levada à igreja onde permanece.

Carvalho e Ramos (2005, p. 2) complementam que o Congado “era comemorada por diversas nações em favor do Rei Congo. É uma dança que começou com o nascimento de crianças em palácios e aldeias, com saudações à primavera e à colheita. Os primeiros registros da festa foram em 1539 na África”. Ribeiro (2010) associa a coroação de reis e rainhas Congo a outra lenda e narrativa histórica, onde Chico-Rei, soberano africano, é trazido escravizado ao Brasil, e a partir de seu trabalho na mineração compra sua liberdade e começa a organizar festas à Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário trajado de coroa e cetro, acompanhado de sua corte, músicos e dançarinos.

De acordo com Brasileiro (2012), para os escravizados advindos de outra terra, utilizar a dança, ritmo e canto para ritualizar e constituir uma representação, foi importante para recriar novas identidades, pois os povos não eram homogêneos quando reunidos sob o sistema de escravidão, forçando-os a interagir a partir de novas configurações. Sobre a manifestação do Congado, Noronha (2011, p. 271) argumenta:

A manifestação do Congado (designação mais popularmente conhecida do que Reinado), muitas vezes, é vista como ideologia, como resistência do negro à história de escravidão de seus antepassados, que viveram em cativeiros e, apesar do sofrimento, sobreviveram. Uma ideologia presa a um passado mítico de uma África nostálgica, de algo que, se já existiu, certamente, não mais existe. Este *leitmotiv* é recorrente nas lutas da militância do movimento negro por melhores condições de vida para essa parcela da população, gerando políticas governamentais como, atualmente, as ações afirmativas.

Kinn (2013) explica que o Congado ultrapassa o momento do desfile nas ruas, sendo realizado no decorrer de meses com o seu ápice no desfile dos ternos. Desse modo, é uma representação cultural e social, realizada no interior da família, nos ternos, dentro dos quartéis – que são as sedes de cada grupo – nas ruas e no bairro. Evidenciando sua disseminação no Brasil, Lucas (2002 *apud* NORONHA, 2011) destaca a existência do Congado em Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, desde o início da colonização, sendo o primeiro registro uma carta datada de 1552. Os festejos do Congado, nos dias atuais, são celebrados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná e Pará (CEZAR, 2012).

Sobre o ato de devoção à Nossa Senhora do Rosário e aos Santos Pretos em Minas Gerais, Souza (2002 *apud* NORONHA, 2011) explicam sua ocorrência por ocasião do deslocamento de escravos das lavouras de café, para a extração de ouro em Minas Gerais, principalmente, na antiga capital Vila Rica, no Século XVIII, estruturando assim, vínculos com as irmandades, confrarias e ordens terceiras.

O desenvolvimento da comunidade congadeira na cidade de Ituiutaba (MG)

O surgimento e consolidação do Congado em Ituiutaba, Minas Gerais, são contados por meio de relatos e depoimentos que atravessam gerações. Os ternos, em conformidade com suas indumentárias, ritmos, instrumentos, cantigas e danças se diferenciam dentro do Congado de uma cidade (SILVA, 2014). Essa diferenciação os subdivide, na cidade de Ituiutaba (MG), em: Congo, Moçambique, Marinheiro e Catupé. De acordo com Lima e Costa (2016, p. 231), “no Brasil, tanto as populações africanas em diáspora, quanto as populações indígenas locais apresentavam formas de organização em que a transmissão dos conhecimentos e técnicas, bem

como cosmogonias e a própria história e memória das comunidades eram transmitidas de forma oral e se baseavam na experiência do mundo”.

Fazer o uso da oralidade é relevante para entender os discursos, pois reunindo vários testemunhos e unindo-os ou não com fontes documentais, é possível compreender divergências de memórias, conflitos e disputas, e também confrontar uma realidade anunciada com aquela que de fato ocorreu. Tradicionalmente, os agentes responsáveis por perpetuar as histórias de uma comunidade - utilizando a ferramenta da oralidade - são denominados de griôs. A palavra griot é de origem francesa, usando-se griot para referência ao masculino e griote para o feminino. Griô é um jeito brasileiro proposto pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô. Onde o termo pode significar sangue, uma analogia com o que circula no organismo vivo (BRASILEIRO 2013; PACHECO, 2006).

Detalhando o papel e as características dos griôs, Pacheco (2006, p. 45) os descrevem como sendo:

Genealogistas, contadores de histórias, músicos/poetas populares, importantes agentes da cultura. Chegam a assumir a função de noticiadores, mediadores e diplomatas. Às vezes são contratados pelos nobres para pesquisar e contar a história e genealogia de sua família, seus heróis e glórias. Os griôs podem enfeitar ou alegrar os eventos de uma comunidade como palhaços. Na tradição oral, a palavra tem um poder e um significado divino, tem um compromisso com a verdade e com os ancestrais. Ter o poder de brincar e enfeitar as palavras é algo legitimado apenas por alguns tipos de griôs.

Segundo Naves e Katrib (2012) relatos orais dos congadeiros dão conta que os festejos em louvor a São Benedito aconteciam em fazendas e nos arredores da cidade e, com o passar dos anos, a festa tornou-se conhecida, sendo trazida para a zona urbana. É preciso ressaltar que ainda quando Ituiutaba era distrito do município de Prata (MG), celebrações de Congado já eram realizadas, por meio de grupos de Reinado: todavia, não havia o reconhecimento da igreja, que não permitia o acesso dos integrantes dos ternos em suas dependências.

A aceitação do Congado e a realização dos festejos, bem como a criação do primeiro terno, no formato como se pratica atualmente, data de 1951. À época, o senhor Demétrio Silva da Costa (Cizico) convidou familiares e amigos para brincarem de Moçambique a fim de celebrarem o aniversário de sua esposa, Dona Geralda Ramos da Silva (NAVES; KATRIB, 2012). A repercussão dessa comemoração resultou em um convite para participação em festejos na cidade de Capinópolis, quando então o Sr. Cizico recebeu o bastão de um capitão (da cidade de Uberaba) que ali se encontrava. Esse fato foi suficiente para despertar a vontade de se reavivar a festa do Congado em Ituiutaba.

No entanto, nessa época – 1951 – a entrada dos foliões e seus instrumentos na igreja foi proibida. Destaca-se que o ato de entrar na igreja era essencial para os congadeiros, visto que as festividades ocorrem para homenagear os santos de sua devoção, cujas imagens encontravam-se dentro da igreja. O pároco da Igreja Católica (João Ave), à época, não aceitou a entrada e permanência dos congadeiros na igreja, sob a alegação de que estes não seguiam a religião católica, mas sim religiões de matriz africana, e por isso não possuíam os sacramentos exigidos (batismo, primeira eucaristia, casamento etc.). Também motivado por problemas e atritos com ternos de Congado da cidade no passado (alcoolismo, atrasos e descumprimentos de compromissos), o pároco não autorizou ou reconheceu as festividades (COSTA, 200-).

Mesmo com a proibição, o grupo de congadeiros em sinal de protesto à atitude do pároco, saiu em desfile nas ruas da cidade, fazendo alvorada com fogos, música e dança em frente ao Fórum local. Para esse movimento, foi obtido consentimento – autorização escrita da Delegacia de Polícia – para o desfile. Costa (200-) complementa que após a saída às ruas, o grupo se dirigiu à Catedral de São José e adentrou no recinto sem tocar os instrumentos, pois ainda não tinham autorização para fazê-lo. Os instrumentos ficaram sob a responsabilidade e

guarda das crianças participantes do desfile, no coreto da praça Cônego Ângelo. Ao final da missa, o grupo saiu em visita a várias residências, embalados por cantos, danças e louvor.

Segundo Naves e Katrib (2012) nos anos seguintes, o conflito entre o grupo organizado e o pároco se manteve devido à proibição da entrada na igreja com instrumentos. Para resolver o impasse, o padre estabelece uma série de exigências para conceder ao terno espaço no local. Com o aceite das condições, em 1956, a festa passa a ser vinculada à Igreja (NAVES; KATRIB, 2012). É preciso ressaltar que os congadeiros aceitaram receber todos os sacramentos, passando a ter participação ativa nas cerimônias religiosas, mas também assumiram a obrigação de cuidar da igreja e seu entorno.

Ainda entre as exigências paroquianas, foi determinado pelo padre João Ave a escolha de doze congadeiros, todos do gênero masculino, denominados de “doze apóstolos”, para organizar e dirigir uma Irmandade (COSTA, 200-). Eram os ‘apóstolos’ à época: Marciano Silvestre da Costa, Geraldo Clarimundo da Costa, Demétrio Silva da Costa, Antônio Belchior, Antônio Balduíno da Costa, Agenor Prudêncio do Nascimento, Andira Alves, Avelino Máximo da Costa, Jerônimo Ventura Chaves, Aristides da Silva, Antônio Edmundo e Manoel Gomes.

No ano de 1957, seguindo as instruções, a Irmandade de São Benedito foi fundada oficialmente, tornando-se responsável pelos ternos fundados entre os anos de 1951 a 1954 e pelos demais que viriam a surgir (NAVES; KATRIB, 2012). Os congadeiros criam seu próprio grupo religioso dentro da Igreja a partir da criação da Irmandade de São Benedito, à qual é atribuída função religiosa e cultural, sendo a organizadora e coordenadora dos ternos de Congado de Ituiutaba. Naves e Katrib (2012, p. 6) argumentam ainda que:

Sob a organização da Irmandade de São Benedito, o Congado de Ituiutaba, ao longo de sua existência, deixa ver as estratégias e esforços pensados para defesa da identidade representada pela tradição e cultura em que, a forma e o conteúdo fundem-se numa autenticidade única. Dessa posição, o conjunto raro, imbricado de sentidos e valores, de homens e mulheres dialoga com as pressões e os interesses dos demais componentes dessa sociedade. Nos dias da Celebração do Congado é possível perceber a tensão, a negociação, os dribles, os recuos, as vitórias momentâneas dos dançadores, dentre outros.

Ressalta-se que os mesmos membros participantes da Irmandade de São Benedito fundaram também a Fundação Zumbi dos Palmares (FUMZUP), o Grupo de Estudos Consciência Negra e o Movimento Negro de Ituiutaba (NAVES; KATRIB, 2012). Ainda conforme os autores citados, a Irmandade se consolida, ao adquirir em 1968, mediante a arrecadação de donativos e lucros obtidos durante as quermesses da festa, um terreno na Rua 32, nº 2007, onde foi construída a Igreja de São Benedito na cidade de Ituiutaba (MG). Em Ituiutaba, na atualidade - junho de 2023 -, o Congado é constituído por dez ternos, sendo esses subdivididos em Congo, Moçambique, Marinheir o, Catupé e Marujo, devido aos diferentes ritmos, vestimentas, instrumentos e danças, como descrito por Silva (2014).

Exemplos de discurso de ódio contra as manifestações culturais afro-brasileiras, em redes sociais

Para realizarmos o exercício de exemplificação de alguns ataques sofridos pela comunidade cultural do Congado, iremos efetuar inicialmente, uma descrição dos principais momentos da festividade. Na madrugada do domingo, em que os festejos são realizados, às 5h da manhã, ocorre a alvorada nos quartéis dos ternos. Para o momento são utilizados fogos de artifícios para anunciar o início das atividades. A ocasião é marcada também pela realização de orações em frente aos altares montados para a festa. A partir desse horário, os integrantes dos grupos começam a chegar aos quartéis.

Realizada a alvorada, os grupos partem para o momento do café da manhã. Na ocasião, o mesmo pode ser oferecido nos quartéis ou em residência de pessoas simpatizantes, sobretudo,

apoadores de cada terno. São percebidos em diversos casos, que as pessoas que ofertam, anualmente, essa refeição, o fazem como forma de agradecimento aos santos de devoção, por graças alcançadas. Finalizado o café da manhã, os integrantes dos grupos realizam as suas últimas preces pedindo proteção aos santos padroeiros da festa. Após, deslocam-se em direção à Paróquia de São Benedito, onde é celebrada a Missa Conga com a participação de todos os ternos.

Finalizada a missa, os ternos fazem suas apresentações na Praça Treze de Maio. Essas apresentações são em louvor aos santos padroeiros da festa, e em homenagem às representações dos Reinados de cada terno, como também do Reinado Perpétuo (Rei e Rainha) que representa a Corte Real de todo o festejo. Depois de fazerem suas apresentações, os ternos juntamente com seus grupos convidados – ternos de outras cidades que também participam dos festejos – dirigem-se para o almoço, em seus respectivos quartéis. A comida sempre é farta e aberta à toda a comunidade, de forma gratuita.

Após o almoço, acontece o momento mais importante dos festejos, o Reinado. Neste momento, cada terno faz um cortejo com seu Rei Congo e Rainha Conga em direção à Paróquia de São Benedito. Todos os ternos se encontram em frente à Paróquia, para que assim, seja formado o trono com todos reis e rainhas de cada terno, e junto a eles, o Rei Perpétuo e Rainha Perpétua, da festa. Com o trono formado, e juntamente carregando andores com as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, acontece a procissão pelas ruas próximas à paróquia.

Nesses momentos que são percebidos os “desconfortos” de algumas pessoas no momento que os ternos percorrem os trajetos durante a festa. Com as redes sociais, a insatisfação com a realização dos festejos, começa a ser sentida já no momento de divulgação da chegada do evento. As figuras 2 e 3 apresentam alguns exemplos de como parcela da sociedade enxerga a manifestação do Congado, na cidade de Ituiutaba.

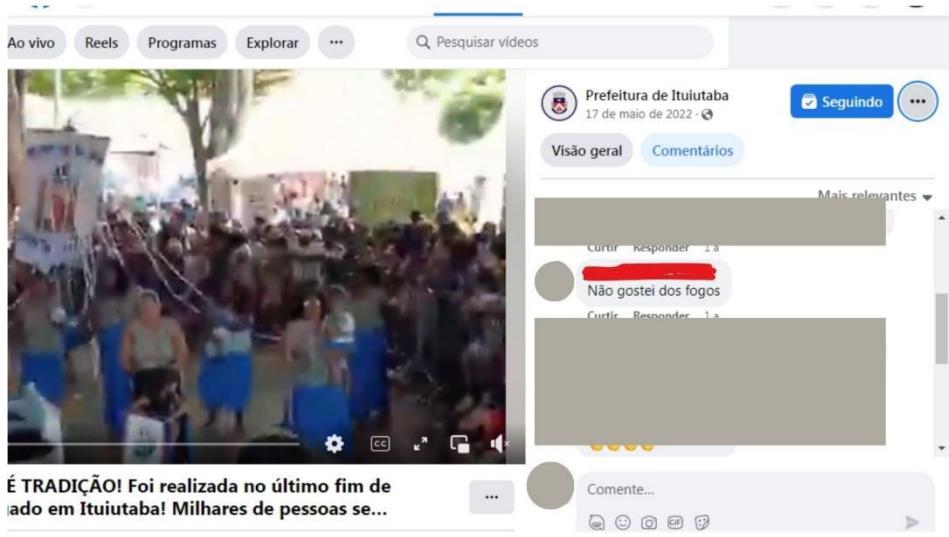
Figura 2: Exemplos de discursos contrários a realização dos festejos do Congado, em Ituiutaba (MG)



Fonte: Redes sociais (*Facebook*⁷) da Prefeitura Municipal de Ituiutaba (2022) e Fundação Municipal Zumbi dos Palmares (2019).

⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/prefeituraituiutaba/posts/pfbidosPrty5kMrb2gTf2mZevCjh7ZpqaaF_EYNEsRrgsQOEriNi2146NbocoA2M4xk5E2Yd
<https://www.facebook.com/watch/?v=544703234035866&ref=sharing>. Acesso em: 05 jul. 2023.

Figura 3: Exemplos de discursos contrários a realização dos festejos do Congado, em Ituiutaba (MG)



Fonte: Redes sociais (*Facebook*⁸) da Prefeitura Municipal de Ituiutaba (2022).

Verificamos que a além dos discursos que atentam à realização das festividades, pensamentos contrários as melhorias dos espaços ocupados pelos ternos, também são comuns. No ano de 2023, com a intenção de revitalizar a Praça Treze de Maio, tradicional espaço onde se dá movimentação do Congado ituiutabano, a Prefeitura Municipal iniciou, no mês de abril, obras na fonte da localidade e a construção de um espaço para crianças. Destaca-se que no ato do anúncio do início do processo de revitalização, algumas cobranças foram direcionadas ao ente público. Notou-se, cobrança por atenção em demais áreas de atuação da prefeitura, a Figura 4 demonstra isso. O curioso, é que na realização de shows musicais, por exemplo, não é costumeiro encontrarmos estes mesmos questionamentos.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=663928820745333&ref=sharing>. Acesso em: 05 jul 2023.

Figura 4: Exemplos de discursos contrários as melhorias dos espaços tradicionais do Congado de Ituiutaba (MG)



Fonte: Redes sociais (Facebook⁹) da Prefeitura Municipal de Ituiutaba (2023).

Realizando o levantamento das ocorrências apresentadas, notou-se, por vezes, que a falta de informação colabora para que questionamentos como o evidenciado na figura 04, sejam corriqueiros. Como combate a esta forma de desinformação, o perfil institucional da prefeitura executa o exercício de explicar como funciona as destinações de recursos para cada área de atuação do governo municipal. Nesse cenário, onde acontece uma ação rápida de enfrentamento as informações incorretas, os danos podem ser diminuídos. Infelizmente, esta realidade, por vezes, não é encontrada em demais ocasiões. Facilitando impactos e consequências que irão reverberar de forma negativa na sociedade. Este ponto será debatido na sequência deste artigo.

Impactos, consequências e possíveis estratégias de combate e mitigação do discurso de ódio

Como visto, os discursos de ódio podem ter como alvo a integridade da pessoa humana, e também, a coletividade de um grupo social. Para além de palavras ofensivas proferidas contra outra pessoa, formas de pensar e/ou viver, um comportamento odioso nas redes sociais pode implicar em sequelas que poderão transpassar as mídias de comunicação eletrônica. Diversas

⁹ Disponível em:
https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=949775822728918. Acesso em: 05 jul. 2023.

são as formas de compreendermos os resultados danosos desta prática para a sociedade como um todo. De acordo com Salvador (2021) os danos resultantes de ataques odiosos, podem ser divididos em diretos e indiretos, onde:

Os danos diretos são o prejuízo psicológico causado aos membros de grupos vulneráveis (que sentem, por exemplo, medo e angústia quando tem contato com o discurso), enquanto os danos indiretos são a ocorrência de discriminação e violência em decorrência do prejuízo (muitas vezes de longo prazo) à reputação social dos membros de grupos vulneráveis, que faz que eles não sejam reconhecidos como iguais e portadores dos mesmos direitos que outros cidadãos.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU, 2023), o impacto do discurso de ódio “Atravessa várias áreas de foco da ONU, desde a proteção dos direitos humanos e prevenção de atrocidades até a manutenção da paz, alcançando a igualdade de gênero e apoiando crianças e jovens” (tradução nossa). Em consonância, António Guterres (2023), Secretário-Geral das Nações Unidas, destaca os perigos inerentes a este tipo de violação dos direitos humanos. Onde, para ele, “O discurso de ódio é uma campainha de alarme - quanto mais alto soa, maior é a ameaça de genocídio. Precede e promove a violência” (tradução nossa). Em entrevista ao podcast *USP Analisa*¹⁰, vinculado ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade São Paulo, a professora da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da USP e integrante do Grupo de Estudos Direito e Tecnologia do Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto da USP, Cristina Godoy Bernardo de Oliveira, destaca que:

O Código Civil traz consequências caso esses direitos sejam lesionados, que é a reparação dos danos materiais e morais. E até nesse contexto do discurso de ódio, é importante a gente mencionar também a possibilidade do dano moral coletivo, que já tem sido reconhecido pelos tribunais. O dano moral coletivo é caracterizado por essa violação a valores extrapatrimoniais, valores de extrema relevância para a sociedade e que comporta consequência jurídica porque aquele que pratica pode ser condenado a reparar, pagar um determinado valor em virtude dessa sua conduta. E também há o dano social, que às vezes é caracterizado como consequência do discurso de ódio pois pode levar uma pessoa, por exemplo, a incendiar a casa de alguém. O discurso de ódio pode começar na internet e nas redes sociais e ter consequências no mundo físico (OLIVEIRA, 2022, p. 1).

Até este momento, apresentamos como as vítimas dos discursos de ódio são impactadas em sua dignidade humana e coletivamente. Faz-se necessário, neste momento, desenvolvermos sobre como podemos estruturar formas de mitigar a prática desse crime. Além de sanar os resultados advindos dos ataques, o ideal seria termos ferramentas capazes de coibir o acontecimento dessas agressões. Salvador (2021, p. 8) argumenta sobre a necessidade de políticas de prevenção. Acerca do assunto, o autor desenvolve:

Políticas de prevenção são medidas que possuem o condão de prevenir a ocorrência do discurso de ódio ou de mitigar seus efeitos, principalmente através da limitação de seu alcance ou de seu impacto persuasivo. Tais medidas se caracterizam por se antecipar à ocorrência do discurso de ódio, visando a construir de um ambiente que resolva o problema coletivamente, ao invés de almejar apenas a resolução de casos individuais. Assim, tais políticas de prevenção normalmente são vistas como alternativas à imposição de sanções por via judicial, principalmente de medidas punitivas e indenizatórias.

¹⁰ Para mais: <http://www.iea.usp.br/noticias/especialistas-analisam-discurso-de-odio-e-as-consequencias-dessa-pratica>.

A elaboração de políticas públicas contribui para a discussão da temática, são instrumentos essenciais no enfraquecimento dos impactos e consequências do discurso de ódio. Juntamente a isso, o letramento midiático se apresenta como mais uma alternativa nesta empreitada contra o ódio em redes sociais. Ferrari, Machado e Ochs (2020) chamam para auxiliar na educação de mídias dos alunos, demais educadores. Para dar suporte a esse chamamento, disponibilizam o Guia da Educação Midiática. Sobre a urgência da educação midiática, as autoras elaboram que:

O cidadão educado midiaticamente, ou seja, que sabe ler criticamente todas as informações que recebe, que utiliza corretamente as ferramentas de comunicação para fortalecer a sua autoexpressão e que participa de maneira consciente, ética e responsável do ambiente informacional, terá condições de exercer o seu direito fundamental à liberdade de expressão de forma plena. Acreditamos também na educação midiática como um direito humano, que empodera o cidadão e o transforma em alguém capaz de contribuir positivamente para a sociedade, fortalecendo ainda mais o ambiente democrático.

Como mais uma possível ferramenta para a mitigação do discurso de ódio, a ONU elaborou a cartilha intitulada *United Nations Strategy and Plan of Action on Hate Speech*¹¹ (2019), Estratégia e Plano de Ação das Nações Unidas Contra o Discurso de Ódio (tradução nossa), o documento com cinco páginas, detalha o que vem a ser o discurso de ódio, propõe compromissos chave e a necessidade de termos uma visão estratégica para o enfrentamento dessa prática.

Considerações finais

O objetivo geral deste estudo consistiu em compreender os possíveis impactos dos discursos de ódio, em redes sociais, contra a manifestação cultural popular do Congado de Ituiutaba (MG). Como objetivo específico apresentamos a manifestação cultural do Congado, sua disseminação no Brasil, como também, seu surgimento e consolidação na cidade de Ituiutaba (MG). Debatemos sobre as possíveis causas e consequências dos discursos de ódio em redes sociais. Além disso, intentamos analisar a existência de estratégias de combate e mitigação do discurso de ódio, e suas formas de aplicação.

Inicialmente, uma contextualização sobre o surgimento das plataformas e rede sociais foi elaborado. Com as contribuições de Srnicek (2018), Silveira (2019), entre outros, percebemos como as mídias digitais exercem grande influência na economia atual. Em conjunto, tem a capacidade de modular a sociedade, contribuindo para que alguns usuários intentem contra a democracia, a dignidade humana e a coletividade de determinados grupos, se valendo da ideia de uso da liberdade de expressão. Posteriormente, explicitamos situações em que os festejos do Congado de Ituiutaba, foram vitimados com discursos contrários à sua realização. Verificou-se que, além da não aceitação da ocorrência das festividades, um desconhecimento de parte da população sobre a destinação de recursos para os diversos setores atendidos pela prefeitura.

Os resultados dos discursos de ódio podem encontrar o cidadão comum de diversas maneiras. Podendo causar, por exemplo, prejuízos psicológicos e efeitos nocivos à reputação social dos membros de grupos vulneráveis. Estes danos, são categorizados por Salvador (2021) como diretos e indiretos, respectivamente. Como forma de combater a violência estabelecida pelos discursos de ódio, a elaboração de políticas públicas e a educação midiática (Ferrari, Machado e Ochs; 2020) destacam-se como grandes ferramentas. Os pontos apurados, neste

¹¹ Para mais: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/advising-and-mobilizing/Action_plan_on_hate_speech_EN.pdf.

trabalho, foram delimitados a uma pequena amostra, e, por isso, sugere-se como estudos futuros ampliar a pesquisa.

Referências

BAHIA. Defensoria Pública do Estado. **Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano.** 1.ed. Salvador: ESDEP, 2021. Disponível em: https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_231121-125536.pdf. Acesso em: 28 jun 2023.

BRASILEIRO, J. **Congadas de Minas Gerais.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001. Disponível em: <https://jeremiasbrasileiro.files.wordpress.com/2010/10/congadas-de-minas-gerais-2001-9c2ba-livro-de-jeremias-brasilei.pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

BRASILEIRO, J. **O ressoar dos tambores do Congado:** entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16431/1/d.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

BRASILEIRO, J. O congado na cidade de Uberlândia: disputas, poder e divergências de memórias. **Caderno de Pesquisas Cdhis**, Uberlândia, v. 26, n. 1, p. 61-82, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/24390/13504>. Acesso em: 12 out. 2022.

CALDEIRA, A. B. Cultura e turismo. In: ARANHA, R. de C.; GUERRA, A. J. T. (Org.). **Geografia aplicada ao turismo.** São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

CARVALHO, J. RAMOS, W. **Uma abordagem sócio-antropológica para o turismo:** um estudo sobre a congada. 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/turismo-e-hospitalidade/eventos-e-anais/iii-semintur/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

CEZAR, L. S. Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 187-212, jul./dez., 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200008. Acesso em: 12 out. 2022.

CLAVAL, P. **A geografia cultural.** 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

COSTA, A. L. da. Irmandade de São Benedito de Ituiutaba-MG. In: REENCONTRO DA COM A CONGADA: HISTÓRICO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO E DOS TERNOS DE CONGADA DE ITUIUTABA-MG, 200_, Ituiutaba. **Anais...** Ituiutaba: 200-.

COSTA, K. K. R. Liberdade de expressão e discurso de ódio nas redes sociais. **Revista Eletrônica do Ministério Público do Estado do Piauí**,ano 01,n. 01,jan./jun,2021. Disponível em: <https://www.mppi.mp.br/internet/wp-content/uploads/2022/01/Liberdade-de-expressa%CC%83o-e-discurso-de-o%CC%81dio-nas-mi%CC%81dias-sociais.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

DAMASCENA, A. Á. Territórios da identidade: os negros e a congada. **Sociedade e Estado**, Brasília, n. 1, p. 11-36, maio, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/2423/2105>. Acesso em: 23 abr. 2023.

GUTERRES, A. Hate speech is rising around the world. [Entrevista cedida a] Organização das Nações Unidas. **United Nations**. Disponível em: <https://www.un.org/en/hate-speech>. Acesso em: 05 jul. 2023.

FARIAS, E. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. **Revista GeoNordeste**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 647-688, set./dez., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922005000300007&script=sci_abstract&tlang=pt. Acesso em: 30 jul. 2022.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1. ed. – São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

KINN, M. G. A congada de Uberlândia: tradição, costumes, valores, representações sociais e ordem moral. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**, Barra do Garça, v. 3, n. 2, p. 226-245, ago./dez., 2013. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/geoaraguaia/index.php/geo/article/view/71>. Acesso em: 12 out. 2022.

LUCAS, G. **Os sons do Rosário**: O congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LUCAS, G. 'Vamo fazê maravilha!': avaliação estético-ritual das performances do Reinado pelos congadeiros. **Revista Acadêmica de Música**, n.24, p. 62-66, jul./dez., 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-75992011000200008&script=sci_abstract&tlang=pt. Acesso em: 23 abr. 2023.

NAVES, F. D.; KATRIB, C. M. I. Cultura, identidade e religiosidade em Ituiutaba-MG. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 6, n. 2, fev., 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/6332>. Acesso em: 30 jul. 2022.

NORONHA, V. Reinado de Nossa Senhora do Rosário: a constituição de uma religiosidade mítica afrodescendente no Brasil. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 268-283, abr./jun., 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n21p268>. Acesso em: 30 jul. 2022.

OLIVEIRA, C. G. B. Especialistas analisam discurso de ódio e as consequências dessa prática. [Entrevista cedida a] Thais Cardoso. **Podcast USP Analisa**, São Paulo, fev., 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/especialistas-analisam-discurso-de-odio-e-as-consequencias-dessa-pratica>. Acesso em: 05 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Hate speech is rising around the world**. Disponível em: <https://www.un.org/en/hate-speech>. Acesso em: 05 jul. 2023.

PACHECO, L. **Pedagogia griô**: a reinvenção da roda da vida. 1. ed. Lençóis, Bahia: Grãos de Luz e Griô – Ponto de Cultura, 2006. Disponível em: <http://graosdeluzegriog.org.br/compre-nossos-produtos/livros/a-pedagogia-gri%C3%A3o/>. Acesso em: 01 maio 2023.

REZENDE, R. L. O congado como espaço constituinte da sociedade civil. **Vozes & Diálogos**. Itajaí, v. 10, n. 1, set./dez., 2011. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br//seer/index.php/vd/article/view/2897>. Acesso em: 30 jul. 2022.

RIBEIRO, J. S. Imagens de congado – uma experiência visual em antropologia. **Revista Científica de Información y Comunicación**. n. 7, p. 293-320, 2010. Disponível em: <http://icjournal-ojs.org/index.php/IC-Journal/article/view/224/221>. Acesso em: 12 out. 2022.

RIOS, S. Cultura popular: práticas e representações. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 791-820, set./dez., 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000300007. Acesso em: 30 mar. 2023.

SALVADOR, J. P. F. Combatendo o discurso de ódio: um panorama dos Projetos de Lei em tramitação. **Sigalei 360**, 03 ago. 2021. Disponível em: <https://www.sigalei.com.br/blog/combatendo-o-discurso-de-odio-um-panorama-dos-projetos-de-lei-em-tramitacao>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SILVA, D. A. Os ternos de congado em Minas Gerais: suas variações míticas, rituais e o esquema festivo. **Novos Debates: fórum de debates em antropologia**, v. 1. n. 1, p. 11-21, jan., 2014. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/numeros-anteriores/v-1-n-1>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Democracia e os códigos invisíveis**: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Edições SESC, 2019.

SOUZA, Marina Mello. **Reis negros no Brasil escravista**: história da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

TAVARES, T. Denúncias de crimes envolvendo discurso de ódio nas redes sociais triplicaram nos últimos 6 anos, aponta levantamento. [Entrevista cedida a] Jornal Nacional. **G1**, 01 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/01/denuncias-de-crimes-envolvendo-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-triplicaram-nos-ultimos-6-anos-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Recebido em: 06/10/2023.
Aprovado para publicação em: 20/12/2023.